



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIALIZADA
LICENCIATURA EM MÚSICA

O PROJETO CORAL INFANTO-JUVENIL DA CASA DO BEM

LUBENILTON TEIXEIRA BEZERRA

NATAL – RN

2011



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIALIZADA
LICENCIATURA EM MÚSICA

O PROJETO CORAL INFANTO-JUVENIL DA CASA DO BEM

Monografia apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Música.

Orientador: Prof^o. Dr^o. Jean Joubert Freitas Mendes

LUBENILTON TEIXEIRA BEZERRA

NATAL – RN

2011

**Catálogo da Publicação na Fonte
Biblioteca Setorial da Escola de Música**

B574p Bezerra, Lubenilton Teixeira.
O Projeto Coral Infanto-juvenil da Casa do Bem /
Lubenilton Teixeira Bezerra. – Natal, 2011.
46 f.: il.

Orientador: Jean Joubert Freitas Mendes.

Monografia (Graduação) – Escola de Música,
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011.

1. Música – Instrução e estudo. 2. Canto coral infanto-juvenil 3. Música – Aspectos sociais. I. Projeto Coral Infanto-juvenil da Casa do Bem. II. Mendes, Jean Joubert Freitas. III. Título.

RN/BS/EMUFRN

CDU 78:37

LUBENILTON TEIXEIRA BEZERRA

O PROJETO CORAL INFANTO-JUVENIL DA CASA DO BEM

Monografia apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Música.

Orientador: Prof^o. Dr^o. Jean Joubert Freitas Mendes

Aprovado em _____ de 2011

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr^o. Jean Joubert de Freitas Mendes – UFRN

Prof^o. Ms. Isaac Samir Cortez de Melo – UFRN

Prof^a. Dr^a. Valéria Lazaro de Carvalho – UFRN

NATAL/RN

2011

Dedico este trabalho a Deus, pelo dom da vida, proporcionando saúde e sabedoria. E a todos os alunos integrantes do Projeto Coral Infante-Juvenil da Casa do Bem.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao senhor Deus e ao senhor Jesus pela conclusão de mais uma etapa importante na minha vida.

A minha esposa Vanusa, pela paciência e estímulo, participando ativamente do meu processo de desenvolvimento pessoal e acadêmico.

A minha família, pela compreensão, torcida e apoio. Agradeço muitíssimo aos meus pais, pelos valores ensinados a mim e a meus irmãos.

A meu orientador, Prof^o. Dr^o. Jean Joubert, eterna gratidão.

A Prof^a. Ms. Cleide Alves da Silva por toda preocupação, ajuda e incentivo no momento em que tanto precisei, muito obrigado.

Agradeço as crianças que integram o coral, a Cristina Nagahama, regente, por toda a ajuda para realização deste trabalho. A Flávio Resende, presidente e fundador da ONG – Casa do Bem, na qual o coral faz parte, muito obrigado a todos por permitirem a coleta de dados. Aos participantes da instituição que não medem esforços para a realização dos projetos sociais e que vêm encarando-os como um verdadeiro desafio oferecendo novas possibilidades na vida das famílias, crianças e adolescentes do bairro de Mãe Luiza.

Ao grupo de trabalhadores da instituição Sociedade Espírita Caminho, Verdade e vida, pelo incentivo e pela força.

Enfim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a minha formação.

“A música expulsa o ódio dos que vivem sem amor. Dá paz aos que não têm descanso e consola os que choram. Os que se perderam encontram novos caminhos, e os que tudo rejeitam reencontram confiança e esperança.”

Pablo Casals

RESUMO

Este trabalho se propõe a apresentar e discutir a atividade coral no Projeto Coral Infante-Juvenil da Casa do Bem como espaço de aprendizagem musical na formação humana dos seus integrantes. O coral faz parte da ONG – Casa do Bem, que trabalha com jovens e crianças em situação de risco, localizado no bairro de Mãe Luiza, zona Leste de Natal/RN, com atividades nas áreas culturais, esportivas, educativas e sociais. A investigação foi desenvolvida sob a abordagem qualitativa, com utilização de questionários e entrevistas semi estruturadas, empregado para descrever e analisar as reflexões de cinco integrantes do coral e da regente. Este trabalho está baseado em estudos como: KATER, (2004); KLEBER (2003, 2005, 2006); HIKIJI, (2006); BRÉSCIA, (2003). Através da pesquisa notamos que o projeto proporcionou novas experiências e escuta de novas músicas na vida dos integrantes. Fez refletir que a metodologia empregada ao ensino reflete-se nos resultados. Proporcionou interesse nos educandos para aprenderem outros instrumentos, e desenvolveu um maior interesse e envolvimento com o canto. Tudo isso se deve a uma educação musical que foi voltada para um ensino contextualizado com o universo sociocultural dos educandos.

Palavras - chaves: educação musical; projetos sociais; coral.

ABSTRACT

This work intends to present and discuss the activity in coral Coral Project Children and Youth Well of the House of Music as a learning space in the human formation of its members. The choir is part NGO - House of the Good, who works with children and youth at risk, located in the neighborhood of Mother Luisa, the eastern area of Natal / RN, with activities in the cultural, sporting, educational and social. The research was developed under the qualitative approach, using semi-structured interviews and questionnaires, used to describe and analyze the reflections of five members of the choir and conductor. This work is based on studies such as: Kater, 2004; KLEBER (2003, 2005, 2006); HIKIJI, 2006; BRESCIA, 2003. Through research we see that the project provided new experiences and listening to new music in the lives of members. He reflected that the methodology used for teaching reflected in the results. Provided interest in students to learn other instruments, and developed a greater interest and involvement in the corner. All this is due to a musical education that was focused on a contextualized learning with students' socio-cultural universe.

Keywords: music education, social projects, choir.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – A Casa do Bem	23
FIGURA 2 – Ensaio do coral na Casa do Bem.....	24
FIGURA 3 – Coral cantando “Natureza Distraída” (toquinho), Parque das Dunas	29
FIGURA 4 – Apresentação no Teatro Alberto Maranhão.....	30

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – METODOLOGIA DA PESQUISA	13
CAPÍTULO II – MÚSICA EM PROJETOS SOCIAIS	16
CAPÍTULO III – O PROJETO CORAL INFANTO-JUVENIL DA CASA DO BEM	21
Características do projeto	24
Inserção no projeto	25
Ensaios	26
Repertório	28
Apresentações	30
Transformações observáveis nos participantes do projeto	32
Crescimento da Auto-estima	32
Sociabilidade	33
Inclusão social	34
Aprendizagem musical	35
Mudanças positivas de comportamento	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICES	
APÊNDICE A – Formulário realizado com todas as Crianças	42
APÊNDICE B – Solicitação de autorização dos pais	43
APÊNDICE C – Questionário usado na entrevista com as 5 crianças ...	44
APÊNDICE D – Questionário usado na entrevista com a regente	45
ANEXOS	
ANEXO A – Apresentações do coral	46

INTRODUÇÃO

As práticas musicais desenvolvidas em projetos sociais é um campo que vem crescendo cada vez mais, como afirma Müller (2004, p. 53), “ultimamente pode-se dizer do que se tem visto na mídia, que há uma farta proliferação de atividades que envolvem música em comunidades, favelas, associações de bairro, clubes e tantas outras formas de agrupamentos sociais”.

Essa prática tem sido um objeto de estudo investigado por diversos autores, pesquisadores ou educadores musicais que buscam delinear, compreender e analisar nesses contextos a relação música-indivíduo-sociedade.

O presente trabalho tem como tema “o projeto coral infanto-juvenil da casa do bem”. O projeto social citado pertence à ONG - Casa do Bem, que busca através deste projeto, oferecer aos jovens e crianças do bairro de Mãe Luiza, aulas de canto e a oportunidade de integração e socialização. O objetivo deste estudo é apresentar e discutir a atividade coral no Projeto Coral Infanto-Juvenil da Casa do Bem como espaço de aprendizagem musical na formação humana dos seus integrantes.

A escolha do projeto utilizado para realizar este estudo, foi devido a minha participação neste como voluntário, professor assistente e violonista, no período de um pouco mais de dois anos, entre 03/2007 a 11/2009, após esse momento, recebia alguns convites para acompanhar ao violão o coral nas apresentações. Esse contato prévio com os participantes, com a regente, com o presidente da ONG, além de despertar o interesse, a minha curiosidade e a minha atenção em estudar esse espaço, também facilitou bastante na autorização da pesquisa, para receber esclarecimentos adicionais e na coleta dos dados.

A metodologia utilizada para a exploração do espaço citado foi desenvolvida sob a abordagem qualitativa na qual faz surgir aspectos subjetivos, buscando informações que os procedimentos estatísticos não podem alcançar ou representar e pode abordar pequenos grupos de entrevistados. Foi utilizado formulário, questionário e entrevistas semi-estruturadas para a coleta de dados, no período de abril a agosto de 2011.

Para maior compreensão do assunto, este trabalho inicia com uma introdução, contendo noções gerais sobre os assuntos que serão abordados, e está dividido em três capítulos. Este estudo está fundamentado por autores que são

referenciais na área de educação musical como: KATER, (2004); KLEBER (2003, 2005, 2006); HIKIJI, (2006); BRÉSCIA, (2003); SCHMELING, (2002).

O primeiro capítulo incide na discussão da metodologia empregada neste estudo. São descritas a abordagem qualitativa, as técnicas de coleta de dados, o formulário, questionários, a entrevista semi-estruturada, bem como o procedimento na seleção dos entrevistados, o processo da coleta dos dados e como os entrevistados serão citados no trabalho.

O segundo capítulo está descrito o referencial teórico, tratando do ensino de música nos projetos sociais, trazendo pesquisas que mostram a idéia do contexto histórico, importância e utilização da música nos projetos sociais e a relação entre música nos projetos e sociedade.

No terceiro capítulo há uma descrição do cenário deste estudo. Descrevo a ONG – Casa do Bem na qual o projeto faz parte, depois o Coral e seus integrantes, bem como a inserção no projeto, a estrutura do ensaio, o repertório e as apresentações. Em seguida apresento as transformações observadas nos participantes. E por fim, temos as considerações finais, contendo observações inerentes aos resultados obtidos.

CAPÍTULO I

METODOLOGIA DA PESQUISA

Para delinear a atividade desenvolvida pelo projeto coral infanto-juvenil da Casa do Bem, é necessário recorrer a uma pesquisa que permita a exploração do campo investigado. Nesse sentido a pesquisa tem um caráter preponderantemente qualitativo. Segundo Chizzotti (2008, p. 28), “o termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível”.

Essa abordagem faz surgir aspectos subjetivos e proporciona aos entrevistados a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. Esta foi utilizada neste trabalho, com a finalidade de buscar informações que os procedimentos estatísticos não podem alcançar ou representar. Esse tipo de pesquisa não levanta a realidade, mas constrói uma idéia experiencial mais nítida, como Bresler (2007) informa:

O objetivo da pesquisa qualitativa não é descobrir a realidade, pois os fenomenologistas argumentam que isto é impossível. O objetivo é construir uma memória experiencial mais clara e também ajudar as pessoas a obterem um sentido mais sofisticado das coisas (BRESLER, 2007, p. 13)

As técnicas utilizadas para a coleta de dados foram: formulário, questionário e entrevistas semi-estruturadas. Dado o seu caráter exploratório às pesquisas qualitativas abordam, em geral, pequenos grupos de entrevistados. Então o formulário foi utilizado com um objetivo específico de escolher parte do grupo, no caso cinco componentes, para fazer as entrevistas semi-estruturadas. De acordo com Cervo e Bervian (1996, p. 49) “o formulário é uma lista informal, catálogo ou inventário, destinado à coleta de dados resultantes quer de observações, quer de interrogações, cujo preenchimento é feito pelo próprio investigador”.

O questionário, segundo Vergara (2009), é um instrumento de coleta de dados composto por uma seqüência ordenada de questões que o investigador utiliza para interagir e coletar várias situações do campo investigado. Neste trabalho foi empregado dois questionários com perguntas abertas, o interrogado responde com

suas próprias palavras, sendo utilizados como roteiro base para as entrevistas semi-estruturadas.

E por último, as entrevistas que tem como vantagens captar os significados, os sentimentos, a realidade experimentada pelo entrevistado, como Vergara (2009, p. 03) afirma, “pode-se dizer que entrevista é uma interação verbal, uma conversa, um diálogo uma troca de significados, um recurso para se produzir conhecimento sobre algo”. Nesta pesquisa foi usada a entrevista semi-estruturada, utilizando um roteiro base (questionário), mas com flexibilidade para perguntar sobre outras questões que pudessem vir a ser levantadas no decorrer da entrevista.

A coleta dos dados com as crianças e jovens foram realizadas entre abril e maio de 2011. Inicialmente foi aplicado um formulário (APÊNDICE A), com 15 perguntas fechadas envolvendo os aspectos social, familiar, pedagógico e musical, aplicado na própria Instituição – Casa do Bem. Dos 25 componentes do coral somente estavam presentes 20 (04 meninos e 16 meninas), ou seja, 80% dos participantes responderam o formulário que tinha como objetivo, selecionar cinco deles para responder a uma entrevista semi-estruturada.

O critério utilizado para selecionar os cinco componentes, tinha como característica principal escolher aqueles, dentre todos, que estavam mais aptos a responderem as perguntas abertas da entrevista. Após a seleção (01 menino e 04 meninas), como a entrevista seria gravada e as crianças e jovens são menores de 18 anos, foi feito um documento (APÊNDICE B), solicitando a autorização e assinatura dos pais ou responsável para a realização da entrevista. Na declaração apresentava o objetivo da entrevista, como ela seria feita, qual o fim, e que o nome do entrevistado ficaria em anonimato. As assinaturas foram colhidas nas residências dos responsáveis.

A entrevista semi-estruturada com os cinco selecionados seguia um questionário (APÊNDICE C) com 13 questões, mas com flexibilidade para perguntar sobre outras questões que pudessem vir a ser levantadas no seu decorrer. Também como no primeiro formulário as perguntas envolviam os aspectos: social, familiar, pedagógico e musical. Foram realizadas em horários variados dependendo da disponibilidade dos entrevistados na própria instituição. A duração de cada entrevista variou entre 13 a 17 minutos.

Depois foi realizada uma entrevista semi-estruturada (APÊNDICE D) com a coordenadora e regente do coral, contendo um roteiro base com nove perguntas,

sendo realizada no mês de agosto de 2011, na Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com duração de 29 minutos. Todas as entrevistas foram captadas com um gravador de áudio do MP4, transferidas para um computador e posteriormente transcritas. Retirei os excessos de expressões das falas para facilitar a leitura.

Após a transcrição das entrevistas dos cinco componentes selecionados, de acordo com a informação da autorização dos pais, o anonimato foi usado para manter o sigilo das identidades. Assim, foram selecionadas as notas da escala musical para identificá-los, seguindo a sequência: DÓ, RÉ, MI, FÁ e SOL. Desta forma os cinco entrevistados serão identificados por estas notas ao longo do trabalho.

CAPÍTULO II

MÚSICA EM PROJETOS SOCIAIS

Os projetos sociais surgem de idéias transformadas em ações com propósito de mudar uma realidade. As práticas musicais nos projetos sociais, por sua vez, podem estabelecer novas oportunidades de vida e transformar a realidade social positivamente. Segundo Kater (2004, p. 46), em um de seus trabalhos, informa que, “a educação musical representa uma alternativa prazerosa e especialmente eficaz de desenvolvimento individual e de socialização”.

No Brasil, na década de 1930, no governo de Getúlio Vargas, através do projeto de Villa Lobos de ensino infanto-juvenil do canto orfeônico¹, a educação musical se tornou disciplina obrigatória nos currículos escolares. As práticas musicais eram usadas para mudanças sociais, mas segundo Hikiji (2006, p. 76), o coletivo no projeto de Villa Lobos, “[...] é associado à disciplina, à obediência, à união em torno de um único ideal, ao patriotismo. Nos projetos atuais, ao coletivo são associadas às idéias de sociabilidade, cidadania, consciência de direitos, crítica, protagonismo”.

Os projetos que envolvem música têm o interesse em oferecer alternativas às realidades de carência e de violência, carência tanto financeira como de lazer e afetiva, no entanto, infelizmente a música foi menosprezada em nosso país, como Bréscia (2003) afirma que nos últimos anos e nas últimas décadas do século XX, retirando o ensino musical das escolas, os governantes se mostraram desinteressados com essa prática nas escolas e fora delas.

Em relação à presença das práticas musicais nos projetos sociais, Hikiji (2006, p. 72) comenta que, “[...] a partir da década de 1990, é notável o crescimento na oferta de projetos com atividades de arte-educação para grupos de crianças e jovens em comunidades de baixa renda, também denominados ‘em situação de risco’”.

¹ Comumente confundido com o canto coral, pois ambos se baseiam na prática coletiva de música vocal. Entretanto se diferenciam quanto aos objetivos que pretendem alcançar. O modelo orfeônico visa a promoção de valores éticos, morais e cívicos e o canto Coral enfatiza o desenvolvimento artístico e musical.

Quando falamos de práticas musicais em projetos sociais temos que citar as Organizações Não Governamentais (ONGs), que mantém em seus espaços grande parte destes projetos, e tem como papel prestar serviços às populações de baixa renda. Os projetos sociais e ONGs estão dentro da sociedade civil organizada, como esclarece Kleber (2006):

O Terceiro Setor² tem se apresentado como a dimensão da sociedade em que se proliferam os movimentos sociais organizados, ONGs e projetos sociais onde se observa uma significativa oferta de práticas musicais ligadas ao trabalho com jovens adolescentes em situação de exclusão ou risco social. (KLEBER, 2006, p. 20).

O terceiro setor vem crescendo em nosso país nas últimas décadas, como Kleber (2006, p. 20) comenta em um de seus trabalhos, “no Brasil, o Terceiro Setor é um fenômeno emergente nas três últimas décadas e vem se configurando mediante movimentos sociais de diversas naturezas os quais canalizam recursos, vivenciam experiências e elaboram conhecimentos.

De acordo com Müller (2004), temos vários exemplos de projetos realizados no Brasil, envolvendo a música em ações sociais, tanto de ordem governamental quanto não governamental. Conforme o que se tem visto na mídia pode-se dizer que atualmente há uma repleta propagação de atividades que envolvem música em favelas, associações, comunidades, etc.

Essa proliferação e propostas são voltadas para um ensino contextualizado com o universo sociocultural dos alunos. Através desses projetos muitos participantes encontram oportunidades de vivenciar a música, como Santos (2006, p. 638) lembra, “essas práticas musicais propostas contemplam um número significativo de pessoas que, não tendo acesso ao ensino musical formal, encontram nesses projetos a possibilidade de conhecer, fazer e praticar música”.

Nos trabalhos junto à população em situação de risco, existem dois tipos ou duas naturezas de trabalho: alguns que selecionam os componentes e outros que buscam a participação da comunidade sem seleção. Nos projetos que selecionam Kater (2004, p. 46) esclarece que, “normalmente guardam os mais qualificados, excluindo exatamente aqueles que em princípio mais precisariam se beneficiar do trabalho oferecido”. Informa ainda que:

² A denominação Terceiro Setor refere-se à Sociedade Civil Organizada e o termo faz contraponto como Estado, considerado o Primeiro Setor e o Mercado considerado o Segundo Setor. Sobre o assunto consultar: <http://www.rits.org.br>.

Há entretanto um importante papel social que pode se cumprir aqui, na medida em que, dependendo de suas características e envergadura, tais projetos costumam abrir frentes profissionais para os participantes, muito embora modelos deformadores sejam inconscientemente reproduzidos e alimentados em seu transcurso (autoritarismo, excesso de competição, concorrência, alheamento de si) (KATER, 2004, p. 46).

Sobre os projetos que não selecionam o autor também comenta:

[...] oportunizam a participação da comunidade sem seleção estrita de competências e que acabam, por força dessa circunstância, dedicando-se aos considerados mais limitados. Indivíduos apresentando interesse constituem-se de fato no foco da proposta, que integra ainda aqueles com desajustes sociais e restrições estigmatizantes. Em sua maioria são jovens oriundos de famílias com níveis diversificados de organização (KATER, 2004, p. 47).

É evidente a importância da música nos projetos sociais, sendo vista e reconhecida em vários estudos, pois como afirma Kater (2004), a música está presente em muitos projetos de ação social e quase sempre como meio de integração social, na qual ela proporciona com excelência, bem como expansão de perspectivas e qualidade de participação.

Santos (2007, p. 3) informa que, “no caso da educação musical, sobretudo em âmbito não escolar a exemplo dos projetos sociais, é possível afirmar que possui a função de promover no indivíduo a compreensão e consciência de si próprio e do mundo, de forma mais abrangente”. Nesse sentido, Kleber (2003, p. 3) confirma que “a cultura é vista como um importante meio de reconstrução da identidade sociocultural e a música está entre as atividades de maior apelo para a realização de projetos sociais, principalmente com os jovens adolescentes”.

Em um de seus trabalhos, Hikiji (2006), corrobora que dentro de um teatro, auditório ou espaço, a possibilidade da apresentação pública do aprendizado artístico musical é vista como principal instrumento para trabalhar a auto-estima dos integrantes, na qual pode ser combinada ao encanto de ser visto, a sentir-se importante, à autoconfiança.

Na utilização das práticas musicais nos projetos sociais é comum a associação entre prática musical e recuperação de auto-estima, desenvolver a cidadania e afastar do perigo das ruas, Como esclarece Hikiji (2006, p. 72) que traz o comentário em um de seus trabalhos, “o objetivo não é formar um músico, mas mudar a vida do jovem. A música como meio, resume Nurimar Valsecchi, maestrina e coordenadora pedagógica do Projeto Guri”. Brésia (2003) resume dizendo que:

Participar de coral, conjunto musical ou orquestra é uma atividade especial. Além de favorecer momentos de intimidade, interação, integração, cantar ou tocar algum instrumento em grupo promove um vínculo especial entre as pessoas envolvidas e uma sensação de pertencer que é primordial para o bem-estar do ser humano (BRÉSCIA, 2003, p. 144).

Sobre a relação, música nos projetos sociais e sociedade, em um de seus trabalhos, Kleber (2006), trás a tona que:

A dificuldade de parte significativa das escolas de ensino regular em lidar com situações que estão no âmago das questões da desestrutura familiar, da falta de preparo, bem como buscar ações educativas que partam do universo dos sujeitos que aprendem (KLEBER, 2006, p. 304).

Em contra partida as práticas musicais nos projetos sociais de acordo com Santos (2007):

[...] tomaram significativas dimensões em nossa sociedade, buscando suprir as deficientes iniciativas socioculturais viabilizadas pelos governantes, causando impacto e interagindo diretamente com a sociedade, ao contribuir positivamente para a recuperação da ação educativa e cultural de crianças e jovens de baixa renda (SANTOS, 2007, p. 2).

Segundo Hikiji (2006), a música não muda a sociedade, mas o fazer musical poderá ser um instrumento ou ferramenta indispensável para a mudança de consciência, sendo um passo inicial na transformação das formas sociais. Produz também comunicações que acabam mexendo com valores e determinando modos de agir. Santos (2007) informa:

Os projetos sociais em música, quando desenvolvidos de forma contextualizada com a realidade social de seu público, podem ser considerados como um importante veículo educativo-musical, visto que tem alcançado significativos resultados musicais e socioculturais junto às comunidades e indivíduos que deles participam (SANTOS, 2007, p. 5).

Para o público assistido existe uma diversidade de significados atribuídos ao fazer musical, pode ser visto como lazer, diversão, para jovens pode ser associado o aprendizado de música a trabalho, como afirma Hikiji (2006, p. 65), “a música podia ser ora um quebra-galho, um passatempo, ora ‘tudo’ na vida de alguém”. Em relação à comunidade, Bréscia (2003, p. 143) esclarece que “a música expressa os sentimentos do grupo em função da comunidade na qual os participantes estão

inseridos, já que tendem a compartilhar os mesmos assuntos e os mesmos interesses”.

A música nos projetos sociais é um importante campo que vem crescendo cada vez mais, mas ainda é necessário atenção, preparo e empenho daqueles que estão à frente, como afirma Kleber (2005, p. 6), “a prática musical se apresenta como significativo vetor para se propor projetos sociais, caracterizando-se como um campo que carece de mapeamento e aprofundamento conceitual por parte dos educadores musicais”.

CAPÍTULO III

O PROJETO CORAL INFANTO-JUVENIL DA CASA DO BEM

Dentre as várias formas, maneiras ou possibilidades de se utilizar as práticas musicais nos projetos sociais, tanto como prática educativo-musical quanto sócio-cultural, a atividade coral é uma das mais viáveis, no sentido de fácil acesso, facilidade instrumental e com baixo custo para realizá-la. Assim, pode ser usada como uma grande ferramenta para trabalhar habilidades musicais e também a integração do indivíduo desenvolvendo a criatividade, a expressão, a consciência de si, suas potencialidades. Schmeling (2002) afirma:

O canto conjunto ou canto coral caracteriza-se por atingir várias pessoas ao mesmo tempo, formando um grupo, onde cada participante traz sua bagagem. Além de trabalhar as habilidades musicais, trabalha sua relação com o grupo, num contexto de grupo para uma vivência da sociedade. Pode trazer a possibilidade de flexibilidade de comportar todas as experiências, diferentes níveis, para que se engajem no processo criativo, trabalhando a própria criatividade, a expressão individual, pessoal, afirmando-se como cidadão, como agente do processo e não como mero receptor e repetidor de informações (SCHMELING, 2002, p. 4).

A atividade coral é reconhecida por oferecer às crianças e adolescentes a noção de trabalho em equipe e o fortalecimento cultural, como afirma Bréscia (2003, p. 84) “o canto coral privilegia a união entre as pessoas e a socialização, além de proporcionar um conhecimento de caráter cultural”.

O Projeto Coral Infanto-Juvenil da Casa do Bem nasceu a partir da idéia de um trabalho³ chamado “Sementes da paz: disseminando a cultura de paz através da música”, elaborado por Cristina Nagahama, regente. O Coral Infantil Sementes da Paz, como era chamado, teve início em outubro de 2006 com crianças da instituição SECCV – Sociedade Espírita Caminho, Verdade e Vida, no bairro de Mãe Luiza, em Natal/RN, adicionando depois as crianças da Igreja Católica Nossa Senhora da Conceição, também no bairro de Mãe Luiza. Esse projeto utilizava como ferramenta o canto coral, incluía crianças na faixa etária de 06 a 12 anos e tinha como objetivo

³ Monografia apresentada ao Departamento de Educação do Centro de Ciências Sociais e Aplicadas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, para obtenção do título de especialista em educação, no curso de Educação Holística e Qualidade de Vida.

“delinear os passos para o despertar de si mesmo e do meio através da música” (NAGAHAMA, 2007, p. 10).

O projeto tinha como finalidade “[...] unir cada vez mais crianças – das escolas, creches, entidades religiosas do bairro – para que vibrem com canções elevadas e espalhem ondas de paz para todo o planeta terra.” (NAGAHAMA, 2007, p. 38).

No início do ano de 2007, houve uma parceria com a Casa do Bem, uma ONG fundada em 2005, pelo jornalista e presidente da casa, Flávio Resende. A idéia partiu da distribuição de doces e confeitos para trazer a criançada a procurar passarinhos em casas do bairro e convencer os donos a soltar os caçados bichinhos. O jornalista Flávio Resende percebeu nesse gesto a vontade das pessoas em ajudar. Precisava apenas de oportunidades e diretrizes. E esse foi o ponto para a construção da ONG Casa do Bem. Tem como lema “fazer o bem sem olhar a quem” e objetivo:

ocupar jovens em situação de risco com atividades culturais, esportivas, educativas e sociais, desenvolvendo ainda diversos projetos para adolescentes, idosos e, ajudando ainda, com distribuição de alimentos, cursos, palestras e incentivando a sociedade a doar objetos, alimentos, roupas e utensílios domésticos para as pessoas carentes (CASA DO BEM, 2011).

Na época da parceria, a ONG ainda não dispunha de uma sede própria e sim provisória, casa do presidente da ONG em Mãe Luiza. As atividades do coral aconteciam em sala ou espaço cedidos por instituições localizadas no mesmo bairro, como SECCV – Sociedade Espírita Caminho, Verdade e Vida, cedia um salão e o quintal para as atividades; a Igreja Católica Nossa Senhora da Conceição, cedia uma sala com carteiras, quadro branco e birô; clube de mães do bairro, cedia um salão amplo; e a Casa Crescer, escola de reforço ligada à Igreja Católica N. S. da Conceição, cedia um Ginásio.

O nome do coral sofreu modificação ficando “Coral Infantil da Casa do Bem” e continuou contando com a coordenação da regente e criadora do projeto, que ministra os ensaios. Atualmente, com a permanência de alguns componentes desde o início, o projeto passou a se chamar “Coral Infante-Juvenil da Casa do Bem”, formado por 25 componentes e “[...] oferece aos jovens aulas de canto e a oportunidade de integração [...]” (CASA DO BEM, 2011).

O projeto visa proporcionar a música no ambiente e na vida das crianças e jovens desse bairro como um meio de socialização, fazendo com que eles tenham oportunidade de participar da atividade, visto que muitos ficam sem fazer nada ou estão a mercê de influências negativas advindos deste bairro que é considerado um local de risco devido altos índices de criminalidade, violência e analfabetismo.

Com o apoio de voluntários, governo, Petrobrás, Fundação José Augusto, pela da Lei Câmara Cascudo, Cosern, prefeitura, empresas particulares e outros, a Casa do Bem conseguiu inaugurar sua sede oficial no dia 17 de julho 2010, localizada na Rua João XXIII, 1719, no bairro de Mãe Luiza, zona Leste de Natal /RN.



FIGURA 1. A Casa do Bem⁴.

É um local muito bonito, bem conservado e organizado com uma estrutura de primeiro andar que conta com 11 salas, uma cozinha, cinco banheiros, estacionamento, salas específicas para gastronomia, balé, informática, atendimento psicológico, ensaios do coral, capoeira, a casa do surfe, espaço para eventos, brinquedoteca e biblioteca/videteca.

Atualmente 30 projetos estão em andamento, dentre eles, o Coral Infanto-juvenil da Casa do Bem, Karatê do bem, Surfistas do Bem, Grupo de Dança Ritmo Bom, Capoeira do Bem, Escolinha de Futebol da Casa do Bem, cestas Básicas do Bem, Cursinho Cidadão, Torneio de Futebol de Praia do Bem, Caminhada do Bem, Canto do Bem, etc. E todos são mantidos por doações feitas à casa. As

⁴ Foto retirada do site – casa do bem <www.casadobem.org.br>.

apresentações do coral e dos outros projetos fazem a divulgação do trabalho realizado na ONG – Casa do Bem.

Características do projeto

O projeto Coral Infanto-Juvenil da Casa do Bem tem como característica levar ao público através do canto mensagens de responsabilidade, paz, valores humanos e ecologia. Usa em suas apresentações ritmos corporais, gestos e canções que falam de cidadania, união, natureza, solidariedade, e etc. Tudo isso com muita naturalidade, alegria e descontração. Sempre acompanhado ao violão ou piano e às vezes com os dois instrumentos, o coral tem apresentação garantida em vários palcos da cidade de Natal/RN e no Ciclo Natalino do Bem, circuito realizado em várias instituições em Natal. Em junho de 2011, o coral participou da gravação da música “Casa do Bem” (Pedrinho Mendes / Flávio Resende).

Os ensaios acontecem na sede da Casa do Bem no bairro de Mãe Luiza, sendo realizados uma vez na semana com duração de duas horas. A sala usada é um espaço adequado para a prática, contendo um teclado, quadro com pauta, janela, ventilador, prateleira, cadeiras de plástico, um birô, estante de partitura e um amplificador pequeno.



FIGURA 2 – Ensaio do coral na Casa do Bem.

O coral é formado por um grupo heterogêneo de 25 crianças e jovens com faixa etária de 08 a 16 anos de idade, são 4 meninos e 21 meninas. Tem como público alvo crianças e jovens de baixa renda. Todos moram no bairro de mãe Luiza e estudam em colégio público da comunidade.

Inserção no projeto

Desde a sua criação, já passaram pelo coral cerca de 80 crianças. Todo início do ano é aberto inscrições para jovens e crianças entrarem no coral, sendo que a procura só não é maior, porque na ONG – Casa do Bem existe outros projetos que também trabalham com música, capoeira, surfe, *ballet*, etc. e acaba dividindo os pretendentes, equilibrando a quantidade de componentes em cada projeto. A rotatividade é pequena, devido à permanência de muitas crianças e jovens que participam desde o início, por conta disso o coral infantil passou a se chamar coral infanto-juvenil. Não há seleção para entrada dos participantes, a idéia é incluir as crianças e jovens da comunidade, como afirma Cristina, regente do coral:

Na realidade é uma convocação, assim..., faixas, “inscrições abertas para o coral infantil, criança de tal faixa etária é..., faça as inscrições”. Então é um chamamento e quando elas vinham na realidade era só para pegar o nome, endereço, por que elas queriam cantar essas músicas?. Não era exatamente um teste, uma seleção, porque se você trabalha inclusão social numa comunidade que já tem muita discriminação, você ainda vai fazer um teste para reprovar ou para julgar?. Isso aí é um trauma a mais na vida daquelas crianças, o trabalho não era nesse sentido, era de aprender. [...] Eu não queria crianças prontas, crianças que já eram talentosas não!, era uma processo de aprendizado mútuo, porque eu também estava começando a fazer um trabalho com crianças, não sabia como iria ser. A idéia nunca foi selecionar, a idéia era juntar, tinha que reunir e nessa união fazer um trabalho junto, porque o aprendizado era mútuo (CRISTINA NAGAHAMA, 15/08/2011).

O FÁ fez a inscrição para entrar no coral devido à atração pelas músicas e pela regente:

Eu gostava de muitas músicas, mas não falavam sobre a paz, tinha músicas de samba, forró..., tinha todo tipo de música. Entrei no coral porque eu gostava de cantar e que eu vi que a professora também era uma pessoa bem legal e aí eu fui e pedi pra minha mãe fazer a minha inscrição, ela fez e eu entrei (FÁ, 15/05/2011).

E ainda fala sobre a importância em sua vida, em fazer parte do coral:

Eu acho que eu ganhei... coisas assim... pra aprender mais a respeitar os irmãos, a ter mais respeito e que a violência não leva a lugar nenhum né? aí eu pensei em transmitir a paz em falar mais sobre a paz e não a violência (FÁ, 15/05/2011).

O DÓ comenta que foi muito importante a sua participação e a dos irmãos no coral:

Eu mudei bastante, a forma de ver o mundo principalmente, cantar pra mim é tudo, assim, a gente se expressa, isso mudou bastante na minha vida. Não só a minha vida, acho que na dos meus irmãos também que eles participam e eu vi que eles gostaram mais das músicas, eles sempre querem tá envolvidos com a música de certo modo. Antes eles não queriam saber de música, agora só vivem cantando, só querem apresentar direto, passar àquela mensagem direto pro povo cantar (DÓ, 14/05/2011).

O comentário do aluno MI, fala sobre um dos motivos pelos quais os pais inscrevem os filhos no coral, explica que “Tem mãe que incentiva os filhos a entrar no coral, porque elas acham legal né? como tirar ele também da rua, aí elas incentivam eles a entrar” (MI, 15/05/2011).

Ensaios

Os integrantes são pontuais e quando por algum motivo precise faltar o ensaio, ficam tristes. Como afirma o aluno DÓ:

Sinto muito mal, assim... um pouco, porque de vez em quando vou pra o coral assim, meio chateada com as coisas que acontecem na minha casa né, que todo mundo tem problema, assim... quando chego lá eu sinto uma sensação muito boa, eu me sinto bem comigo mesma. E quando não vou sinto sentimento de não ter ido, não ter cantado, não ter participado, aí eu fico meio triste também (DÓ, 14/05/2011).

Não é um coral religioso, mas os ensaios sempre começam e terminam com uma oração. As atividades começam com alongamento do corpo, seguidos de exercícios de respiração e vocalizes, fazendo o aquecimento vocal, nesta etapa, sugere-se alguns exercícios vocais condizentes com as dificuldades rítmicas ou melódicas das músicas que se pretende trabalhar naquele dia. Em seguida as crianças sentam e inicia o trabalho com as músicas, primeiro cantando as antigas e depois as recentes. Em algumas músicas são incluídos gestos e ritmos corporais. Para aprender as letras e as melodias a regente informa parte por parte, pedindo para elas repetirem e ela fica observando e corrigindo a entonação, afinação e a métrica. Como esclarece Cristina:

[...] é muito vivencial, a parte de aquecimento vocal, você precisa fazer uma preparação, uma concentração, trabalhos de respiração, de alongamento, trabalho do corpo que também é muito importante e depois a questão do aprendizado da leitura da música. A junção das partes diferentes e depois no final ter-se a idéia de um todo. É um processo muito interessante que segue uma metodologia básica que

é: aquecer, concentrar, respirar, trabalhar o corpo, a leitura rítmica e melodia, sempre no contexto (CRISTINA NAGAHAMA, 15/08/2011).

Nos ensaios a regente traz dinâmicas, incentiva a confeccionar cartazes para as apresentações e também conta histórias para chamar a atenção, buscando a concentração das crianças, como comenta o aluno DÓ:

[...] acho muito interessante o jeito e a forma que ela passa pra gente. As vezes assim..., dinâmica, as vezes ela traz algum assunto como exemplo, um pássaro que ela fez aqui, ela ensinou a gente a fazer um origami e nesse origami ela coisou uma música muito interessante, muito semelhante a uma história que ela contou. Acho que as crianças se interessaram mais, porque esse origami, esse negócio, sempre ela bota na música (DÓ, 14/05/2011).

A música nesse projeto não é ensinada formalmente, pois não é o principal objetivo da atividade coral, o ensino de conceitos e nomenclaturas próprias do ensino formal de música ocorre às vezes, a partir de uma vivência prática. Diante das dificuldades dos participantes a regente busca maneiras ou estratégias para facilitar e realizar o trabalho, como ela esclarece:

A gente trabalhou muito com a memória, ouvindo e cantando, não trabalhamos com partituras, porque elas já tinham dificuldades de aprendizado com símbolos e letras. [...] Não importava se não tivesse 3, 4, ou 5 vozes, o que importava era esse trabalho de cantar juntos, de aprender juntos e a medida que elas vão se desenvolvendo a gente coloca a segunda voz, um cânone, uma terceira voz aos poucos, nada que mudasse o padrão do uníssono. Sempre trabalhando com um instrumento acompanhador para que eles pudessem trabalhar a afinação, então a afinação era o ponto mais importante (CRISTINA NAGAHAMA, 15/08/2011).

Cristina Nagahama, regente, sobre esse assunto ainda informa que:

[...] nessa faixa etária, nesse ambiente já muito agitado era a grande dificuldade, concentrar as crianças, e se ter uma certa firmeza e não agir em função da imposição do grito, como elas já estão acostumadas na educação em geral, com castigo. Então no que você ativava a curiosidade, elas ficavam interessadas e aí você tinha momentos de concentração, muito pequeno né!, você tinha que agarrar, [...] eu nunca quis que elas perdessem a espontaneidade a naturalidade que é o mais bonito, delas estarem ali presentes, errarem e acharem bom e não ficar muito séria, muito rígida isso não é natural da criança (CRISTINA NAGAHAMA, 15/08/2011).

Havia um cuidado para definir o tom das músicas para não prejudicar o aparelho fonador dos componentes, como afirma a regente, “algumas crianças estavam mudando de voz, porque essa faixa etária de 8 aos 16 anos elas mudam

muito, então eu não queria forçar demais o aparelho fonador delas (CRISTINA NAGAHAMA, 15/08/2011).

Dentre as coisas importantes que o projeto visa alcançar nos ensaios e nas apresentações, está presente a auto-estima dos participantes, a concentração, a sensibilidade auditiva, a postura do cantor no palco, cantar juntos, compromisso, etc. sobre isso a regente ordena por importância e esclarece:

A primeira eu acho que a consciência, que está fazendo um trabalho importante, resgatar a auto-estima dessas crianças, [...]; concentração, que elas pudessem ter um pouquinho de disciplina, compromisso; na parte musical, aprender a ter mais sensibilidade auditiva, perceber mais a questão do conjunto das vozes, uniformizar os timbres, cantar juntos, o trabalho com a respiração, qual a postura do cantor; e também, na parte cênica a parte da entrada no palco, não entrar de qualquer jeito, todo mundo entrava em fileira, se colocava em ordem de altura, então havia todo um trabalho, assim... que tinha que inspirar, não só para eles mas para o público, como um trabalho sério, um trabalho que não era feito sem um direcionamento (CRISTINA NAGAHAMA, 15/08/2011).

Nesse ambiente que é necessário a participação de todos os envolvidos para se chegar a um objetivo, ensaiar as canções para uma apresentação e fazer um trabalho bonito, os componentes informam que gostam porque um aprende com o outro e gostam de cantar em grupo, como afirma FÁ:

Eu gosto dos que participam, porque ajuda, eu e os outros a cantar e ensaiar bem, porque faz muito bem cantar em grupo, a gente aprende com eles também, como a gente pode ensinar, a gente pode aprender com eles, e assim..., a gente cria amizade com eles e conversa com eles (FÁ, 15/05/2011).

Em compensação, no meio de um grupo às vezes acontecem algumas desarmonias e não é diferente nesse grupo explícito, como o aluno RÉ expõe, “eu vou dizer a verdade, gosto de tudinho menos de duas, porque elas solta piadinha pra mim. Aí eu digo, deixa elas soltar, entra por aqui e sai por aqui, eu não vou discutir (RÉ, 14/05/2011).

Repertório

Como citado acima, as canções levam mensagens, tanto para os componentes do coral quanto ao público que assiste as apresentações. Para a escolha da música, a letra deve conter alguma mensagem que terá significado para

eles, por exemplo: a música “Te ofereço paz” (Mahatma Gandhi / Valter Pini)⁵, essa letra passa a mensagem de companheirismo, amizade e união; a música “Faróis da Esperança” (Verônica Firmino)⁶, chama todos para unir as mãos em busca de um mundo de justiça, paz e amor, alertando sobre a missão de cuidar do nosso planeta, respeitando a vida e a natureza; a canção “Mundo Melhor” (Marcos Pagé / Jura Gomes)⁷, pede a todos atenção e cuidado com as crianças, que não deve sofrer violência e sim viver com decência, solicitando a presença de cada um nessa ação; e a música “Defensores da natureza” (Aloísio Reis / Biafra / Nilo Plinta)⁸, essa letra traz um pedido solicitando a participação imediata de cada um na defesa da natureza, porque como diz a música “essa riqueza nenhum dinheiro pode comprar”. As crianças participam também na elaboração do repertório sugerindo músicas dentro desta característica do coral, que é levar mensagens ao público.



FIGURA 3. Coral cantando “Natureza Distraída” (toquinho), Parque das Dunas.

O SOL informa que a letra das canções do repertório faz refletir sobre a vida, e comenta que:

[...] no dia a dia da gente, faz a gente perceber coisas que outras pessoas fazem de ruim e a gente pode refletir, pra gente não fazer

⁵ GANDHI, Mahatma; PINI, Válder. Te ofereço paz. In: *Coletânea da Música da Válder Pini: projeto musiconciência*. São Paulo: Videolar, [200-]. 1 CD [70min]. Faixa 1 (4 min 3s).

⁶ FIRMINO, Verônica. Faróis da esperança. In; TAWANE E VIÍCIUS. *Faróis de esperança*. São Paulo: Paulinas – COMEP, 2001. 1 CD [36 min 13s]. Faixa 5 (4 min 11s).

⁷ PAGÉ, Marcos; GOMES, Jura. Mundo Melhor. In: *Mundo melhor*. São Paulo: Paulinas – COMEP, 2000. 1 CD [23 min]. Faixa 4 (2 min 53s).

⁸ ECOAR: grupo vocal. Coral dos servidores do IBAMA, Brasília-DF. Defensores da natureza. In: *Ecoar: grupo vocal*. Caucaia, CE: CD + Nordeste Digital Line, [200-]. 1 CD. Faixa 2 (2min 43s).

aquilo que aquelas pessoas fazem..., por exemplo, a música “Defensores da Natureza”, achei muito interessante essa música entre outras (SOL, 14/05/2011).

O RÉ tem opinião semelhante à do aluno SOL, E acrescenta:

[...] eu vi a minha amiga e eu disse, não jogue papel no chão vá jogar no lixo. Eu tinha uma prima que ela era deficiente né!, ela só falava. aí eu cantei essa música pra ela... aquela música sabe?, “deficiente é quem não ver⁹...”, ela ficou muito feliz e eu também chorei com ela. Naquela música “salve o nosso planeta¹⁰ entendeu?... pra salvar porque o nosso planeta tá se acabando (RÉ, 14/05/2011).

Apresentações

O coral tem apresentações garantidas em diversas ocasiões e espaços da cidade de Natal/RN, como no Teatro Alberto Maranhão, ENCONAT – Encontro Nacional de Coros em Natal, Parque das Dunas – Bosque dos Namorados, IFRN, UFRN, Ciclo Natalino do Bem, circuito realizado em várias instituições em Natal, vários hotéis. Quanto em diversos eventos do próprio bairro de Mãe Luiza, em praça pública, em palestra, na própria ONG, etc. (ver ANEXO A).



FIGURA 4. Apresentação no Teatro Alberto Maranhão.

É sempre uma ocasião valorizada e almejada pelos integrantes, envolve muitos sentimentos, como afirma o aluno SOL, quando fala das apresentações:

⁹ Parte da música do repertório do coral com título: “Alguém Especial” (Sarah / Everson).

¹⁰ Parte da música com título: “Tempo de ser feliz” (Beno Cesar / Solange Cesar).

Sinto felicidade que eles estão gostando, acho que alegria né... Iguamente todo mundo bate palma, me vejo participante do coral. Muita experiência de vida, de música..., traz um alívio, paz, conheci lugares que eu não conhecia (SOL, 14/05/2011).

Aluno MI também esclarece seus sentimentos, dizendo “eu se emociono, eu me sinto bem, saber que eles estão gostando. Eu me vejo como uma grande cantora, gosto muito de cantar” (MI, 15/05/2011).

Também pode gerar sentimentos negativos como ansiedade, inquietude ou nervosismo como comenta o FÁ:

A gente canta e dá muita ansiedade, eles batem muita palma e observo muitas pessoas rindo, chorando. Eu vejo que aquela música está tocando neles. Depois fico tão feliz!. Eu acho lindo... eu sinto uma alegria, um amor que to dando pra eles... uma lição de vida (FÁ, 15/05/2011).

As apresentações geram trocas, é um aprendizado. Não é um mero cantar para si, é mostrar esse trabalho para os outros, gerando um crescimento individual e coletivo, como fala a regente do coral:

O que acontece no palco é muito mais do que simplesmente cantar é uma troca de ouvir e cantar, aquilo lá é uma energia atômica e tem que ter, porque se não houver essa interação com a platéia, a música não atingiu outros estágios, outros níveis, porque eu acho que a música verdadeira ela vibra, tem que vibrar primeiro dentro de cada um, junta mais as crianças cantando e o regente está ali olhando, “não esqueça!”, “não se distraia com a platéia!”. E a mágica eu acho é essa mesmo, cada vez que se apresenta é uma interação porque a platéia é diferente e cada apresentação é única. É sempre um aprendizado para o crescimento individual e coletivo (CRISTINA NAGAHAMA, 15/08/2011).

A respeito desse comentário da regente os integrantes percebem essa integração com o público, descrito pelo aluno DÓ:

Observo que as pessoas se comovem muito com as nossas músicas, as vezes choram, a maioria cantam com a gente, além de ver aquelas pessoas se emocionando, a gente vê que a mensagem que a gente tá querendo passar, a gente tá conseguindo, que é muito boa, e aquelas pessoas de certo modo estão gostando querendo muito mais. [...] Uma vez eu chorei e tudo, e foi um comentário até uma certa hora, todos comentando porque eu tinha chorado, por causa da música (DÓ, 14/05/2011).

Transformações observáveis nos participantes do projeto

Segundo Kater (2004, p. 44) a “música e educação são como sabemos, produtos da construção humana, de cuja conjugação pode resultar uma ferramenta original de formação, capaz de promover tanto processos de conhecimento quanto de autoconhecimento”. Sobre a formação humana, Maturana (2000, p. 11) fala que “tem a ver com o desenvolvimento da criança como pessoa capaz de ser co-criadora com outros de um espaço humano de convivência social desejável”. Noutras palavras, maturana (2000) informa que é o fundamento de todo o processo educativo e que se este se completar a criança terá condições de ser socialmente responsável e livre, respeitando a si mesmo e os outros, será capaz de refletir sobre a sua atividade, corrigir erros, cooperar e ter um comportamento ético, evitando o envolvimento com as drogas e o crime, pois não dependerá da opinião dos outros.

Com isso podemos dizer que no estudo realizado na atividade coral do projeto coral infanto-juvenil da Casa do Bem, observamos que as vivências nesse projeto proporcionaram aos participantes um crescimento da auto-estima, sociabilidade, inclusão social, aprendizagem musical e mudanças positivas de comportamento.

- *Crescimento da Auto-estima*

Ao observar os depoimentos e comportamentos dos participantes podemos perceber que a atividade desenvolvida no projeto favoreceu um crescimento da auto-estima. Notamos no comentário de FÁ, em sua fala: “eu acho legal cantar porque às vezes é... a pessoa tá triste e aí vai pra o coral, começa a cantar, já fica mais feliz, esquece de tudo que a aquela coisa ruim que a pessoa tava” (FÁ, 15/05/2011).

No palco os componentes ficam felizes, se destacam e atingem atenção das pessoas, como mais uma vez comenta o aluno FÁ:

Observo muitas pessoas rindo, chorando... eu acho bem legal porque assim... as vezes quando as pessoas choram... eu vejo que aquela música está tocando neles né, então eu peço a regente cantar mais aquela música, porque já toca mais nos corações deles. Eu vejo que eu dô pra ser cantora e que eu não quero participar de nenhum projeto além do coral (FÁ, 15/05/2011).

A possibilidade de apresentação pública tem sido reconhecida como forma de estimular os participantes dos projetos. Sobre a auto-estima, Hikiji (2006) ao pesquisar alguns projetos, informa que em um deles:

A coordenação acredita que as atividades em arte-educação que são desenvolvidas no projeto “despertam sensibilidades, criatividade”, possibilitam “autonomia de pensamento e de auto-estima do grupo. Auto-estima, aqui é pensada como “sentir-se competente”, “se gostar”, “se valorizar” (HIKIJ, 2006, p. 88).

Já em outro projeto, a autora comenta que:

A possibilidade da apresentação pública do aprendizado artístico (musical, no caso), geralmente em um teatro ou auditório próprio para a prática musical, é vista como o principal instrumento para trabalhar a auto-estima dos participantes. “Auto-estima” é associada ao “prazer” de ser visto, a sentir-se importante, à “autoconfiança” (HIKIJ, 2006, p. 89).

Alguns familiares dos componentes também participam desse processo como está presente na informação do aluno DÓ:

Eles gostam que eu participo do coral, até minha mãe também sabe de algumas músicas do coral, canta também. As vezes quando ela vai nas apresentações da gente, participa um pouco na platéia cantando e é muito bom (DÓ, 14/05/2011).

Com os aplausos recebidos, os componentes se sentem seguros, importantes, como artistas e como pessoas valorizadas. A platéia tem um papel essencial na autovalorização dos participantes, como a regente esclarece:

No que a música se desenrola as pessoas começam a interagir, o público interage e quanto mais o público interage, mais o coral também, e aquilo... derrepente... está todo mundo no mesmo nível de interação e cantando juntos, isso contagia e dá vontade de você cantar mais, porque aquele momento assim... é mágico, puro envolvimento, mesmo aquele que está cantando baixo, não importa, o que importa é o grupo todo (CRISTINA NAGAHAMA, 15/08/2011).

- *Sociabilidade*

O canto coral proporciona várias experiências, e entre elas, a convivência e o relacionamento com os outros, como coloca a regente do coral:

Eu acredito que o canto coral tem um poder de unir não só as vozes, mas também as pessoas no ideal de cantar juntos, cantar de uma forma harmônica. Talvez seja uma coisa da vida né?. A gente tem que sintonizar uns com os outros, aparar algumas dissonâncias e ter paciência com aquele outro que não aprendeu, é um exercício

mesmo de entrosamento não só vocal, mas entrosamento social de uma inteligência social (CRISTINA NAGAHAMA, 15/08/2011).

A prática em grupo ou conjunto favorece a criação de laços afetivos entre os participantes e acentua redes de sociabilidade. Nesse projeto podemos perceber o pensamento de união e interação em grupo no comentário do aluno DÓ:

Não adianta a pessoa querer participar de um coral ou cantar algumas músicas juntas, sem tá bem consigo mesmo, e assim... é preciso que queira cantar, queira participar, ajudar as pessoas e não está no coral vamos dizer assim... pra prejudicar o grupo, mas pra ficar lá ajudando, sempre conversando com as crianças, enturmada com o grupo assim... é muito bom a união (DÓ, 14/05/2011).

A música é um importante meio de socialização, como Bastian (2009) em sua pesquisa comenta:

As crianças que praticam música alcançam uma mais bem-sucedida sociabilidade do que as que não praticam música. Elas dispõem francamente de uma vantagem em uma capacidade prática de julgamento, possuem – dito de forma simplificada- bastante “bom senso” (BASTIAN, 2009, p. 67).

Com relação à prática da atividade coral, ela é uma importante ferramenta para se atingir esse objetivo, como afirma Fucci Amato (2007):

O coral desvela-se assim como uma extraordinária ferramenta para estabelecer uma densa rede de configurações sócio-culturais com os elos da valorização da própria individualidade, da individualidade do outro e do respeito das relações interpessoais, em um comprometimento de solidariedade e cooperação (FUCCI AMATO, 2007, p. 81).

Schmeling (2002) também corrobora com esse pensamento:

O canto conjunto ou canto coral caracteriza-se por atingir várias pessoas ao mesmo tempo, formando um grupo, onde cada participante traz sua bagagem. Além de trabalhar as habilidades musicais, trabalha sua relação com o grupo, num contexto de grupo para uma vivência da sociedade (SCHMELING, 2002, p. 4).

- *Inclusão social*

Observamos que o processo de inclusão já acontece quando eles se inscrevem para entrar no coral, pois como foi comentado no item sobre a inserção no projeto, não existe seleção e sim uma convocação.

A regente faz um comentário sobre esse ponto, dizendo que “aquelas que não eram afinadas, elas tinham a oportunidade, já que elas tiveram a vontade de fazer um trabalho e se integrar e adquirir durante o processo, a afinação, adquirir conhecimento, a sensibilidade musical, ter noções de músicas e convívio social” (Cristina Nagahama, regente, 15/08/2011).

As oportunidades de participação em todo e qualquer tipo de proposta artística apresenta uma chance de realização pessoal e grupal na busca de um objetivo a ser alcançado. Segundo Fucci Amato (2007):

A inclusão caracteriza-se na perspectiva de que todos os indivíduos pertencentes a um coral encontram-se na mesma posição de aprendizes, unindo-se na busca de objetivos comuns de realização pessoal e grupal. A partir de então, inicia-se o processo de integração, no qual a cooperação dos integrantes é efetivada por meio de uma união com sentimentos canalizados para a ação artística coletiva (FUCCI AMATO, 2007, p. 80).

- *Aprendizagem musical*

Com os exercícios de respiração, relaxamento, entonação, postura, vocalizes, trabalhos com ritmo etc. Proporcionou aos componentes um crescimento nos aspectos musicais como técnica vocal, afinação, timbre, postura, ritmo, entre outros. Como a regente afirma:

Tinha direcionamento, tinha postura, tinha compromisso, tinha um trabalho de voz mínima, técnica vocal de respiração, de entonação. Mínima porque criança, ela ia aprender no processo né? não podia ser exigido demais, que perderia a naturalidade e nem de menos também, ia ficar muito confuso. Então são pontos principais que eu acredito que elas têm aprendido (CRISTINA NAGAHAMA, 15/08/2011).

Esse envolvimento dos jovens com o projeto, em contato com essas práticas e informações, estimulou ainda mais os participantes a cantar, como informa o aluno RÉ, “minha mãe disse que é lindo, meu pai diz que gosta muito. Eu canto quase todos os dias bem alto até as minhas vizinhas escuta, e falam: ‘quem ensinou?’, ‘essa música é muito linda!’” (RÉ, 14/05/2011).

O trabalho também impulsionou o interesse para aprender instrumentos musicais, como informa o aluno SOL:

Gostaria de aprender... violão, porque é muito bom. Já pratiquei flauta, mas já terminou e quero renovar... começar de novo a tocar

flauta, que eu acho legal, é um instrumento bem legal que ensina as notas musicais e gostaria de aprender mais (SOL, 14/05/2011).

A finalidade desse projeto não é formar músicos ou cantores, o ensino não é formal, mas que a música possa ser uma ferramenta de integração. Como hikiji (2006) na sua pesquisa com o projeto Guri afirma:

Um senso comum entre a coordenação do Guri é que o projeto não tem como objetivo formar músicos, mas mudar a vida das crianças e jovens participantes. Assim, é o papel social do ensino musical que é destacado. Mas algumas conquistas estéticas são evidentes (HIKIJ, 2006, p. 146).

- *Mudanças positivas de comportamento*

Os sentidos adquiridos pelos componentes por meio do repertório do coral conferem também um significado importante no processo de construção de suas identidades. As músicas que eles aprendem geram sentimentos e oferece aos participantes reflexões sobre comportamentos, como Santos (2005) em um de seus trabalhos comenta, “cabe ainda lembrar o potencial das práticas musicais como elemento de expressão, comunicação, reflexão e crítica, como espaço de prazer e conhecimento” (SANTOS, 2005, p. 33). O comentário do aluno MI aborda esse assunto:

As músicas... as músicas é muito legal, porque ela fala sobre a paz... fala sobre o respeito, fala sobre muitas coisas... faz pensar na vida né?... começa pela violência, que é muita ... e a pensar nas coisas que eu fazia antes e agora não faço mais (MI, 15/05/2011).

O aluno FÁ também trata desse ponto quando fala sobre as músicas do repertório e comenta “... fala sobre muita coisa boa, sobre a paz, amizade, a ajudar o irmão, o próximo, aí eu vejo que isso pode ser investido na vida, por isso, eu gosto” (FÁ, 15/05/2011).

Ainda sobre esse contexto Stahlschmidt (1999) informa que, “ao expressar uma idéia através do canto, a criança pode representar intelectualmente e efetivamente o ambiente ao seu redor, bem como sua forma de percebê-lo e assisti-lo” (STAHLSCHEMIDT, 1999, p. 52).

A prática da atividade coral pode trazer mudanças significativas na vida dessas crianças e desses jovens. Segundo Santos (2005):

A arte não proporciona apenas conhecimento: como prática social que se apóia na memória e na reflexão, que articula teoria e prática,

que compreende o momento laborativo e o momento existencial, a arte é um instrumento de transformação da realidade [...] (SANTOS, 2005, p. 33)

Ao cantarem as músicas do coral, os participantes além de superar as dificuldades melódicas, rítmicas e de leitura, mostrando que são capazes de fazerem um trabalho bonito, também se sentem valorizados e importantes com o papel de levar mensagens de paz, união e responsabilidade para as pessoas. Esse envolvimento com as canções proporciona aos integrantes reflexões e mudança positiva do próprio comportamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho monográfico se propôs a apresentar e discutir o projeto “Coral Infanto-Juvenil da Casa do Bem”. Evidenciou-se através deste, a extrema importância dessa prática musical na vida das crianças e jovens do bairro de Mãe Luiza. A escolha da abordagem qualitativa teve resultados satisfatórios para esse estudo, pois a idéia de tentar entender e perceber como os participantes se sentem nas diversas experiências vivenciadas através da prática coral e quais os resultados dessas sensações em suas vidas, foram alcançadas.

É importante focar que às práticas musicais em projetos sociais tem apresentado resultados positivos, pois além de aumentar a auto-estima dos integrantes, envolve os participantes emocionalmente e socialmente. Ao descrever e tratar o objeto de estudo deste trabalho sobre a inserção dos participantes no projeto, sobre os ensaios, o repertório e as apresentações, com os depoimentos coletados, observamos transformações na vida dos integrantes do coral, como por exemplo, através das apresentações, eles recebem a atenção das pessoas, sendo consideradas e apreciadas por sua atuação. Todos esclarecem que gostam muito quando o público se emociona e quando os aplaudem, o sentimento é que eles são importantes como pessoas valorizadas, ou seja, há um crescimento da auto-estima.

Através da pesquisa notamos que o projeto também proporcionou novas experiências e a escuta de novas músicas na vida dos integrantes. Canções que falam de responsabilidade, natureza, paz, união, etc, contribuíram para eles refletirem sobre a vida. Foi possível observar também transformações como a sociabilidade, integração e inclusão, pois é um ambiente que oferece a oportunidade de participar, de compartilhar momentos e sentimentos, possibilitando aos alunos a serem mais compreensivos, a esperar o outro, a ouvir o outro, ou seja, a aprender a viver em grupo.

Essa exploração fez refletir que a metodologia empregada ao ensino reflete bastante nos resultados. No caso deste projeto o aprendizado musical contraído pelos participantes como a informação de técnica vocal, crescimento na afinação dos envolvidos, consciência corporal, postura, ritmo e conhecimento de notas e notação musical, proporcionou interesse para aprender outros instrumentos, desenvolveu um maior interesse e envolvimento com o canto, além das transformações acima citadas. Tudo isso se deve a uma educação musical que foi

voltada para um ensino contextualizado com o universo sociocultural dos educandos.

Neste trabalho, tive a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos, adquiridos durante o curso de licenciatura em música. Trouxe experiências sobre a educação musical em projetos sociais que será de imensa importância para minha vida docente e profissional. Este estudo traz uma reflexão sobre a área de ensino, que enquanto professores, buscaremos estabelecer um bom relacionamento com os educandos para que ocorra maior nível de assimilação do assunto e um aprendizado mútuo entre ambas as partes, pois consideramos que ao ensinar podemos também aprender e absorver subsídios que nos façam refletir sobre as nossas práticas pedagógicas, e partindo desta reflexão alcançar um desenvolvimento não só profissional, mas também, humano.

Enfim, a partir dos resultados obtidos, foi possível afirmar que os objetivos propostos no estudo foram alcançados. Entretanto tendo em vista o vasto campo e a complexidade do assunto abordado, espero que os resultados apresentados neste estudo, venham contribuir e incentivar novos estudos científicos, através de diferentes abordagens e enfoques, possibilitando um maior aprofundamento do tema.

REFERÊNCIAS

- BASTIAN, Hans Gunther. *Música na escola: a contribuição do ensino da música no aprendizado e no convívio social da criança* / Hans Gunther Bastian; [tradução Paulo F. Valério]. – 1. ed.- São Paulo: Paulinas, 2009.
- BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. *Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva*. São Paulo: Átomo, 2003.
- BRESLER, Liora. Pesquisa qualitativa em educação musical: contextos, características e possibilidades. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 16, 7-16, mar. 2007.
- CASA DO BEM. *Sobre a Casa*. Disponível em: <www.casadobem.org.br>. Acessado em: 27 de ago., 2011.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia científica*. 4. ed. São Paulo: Makron Books, 1996.
- CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CRISTINA NAGAHAMA (regente). Entrevista concedida ao autor no dia 15 de ago, 2011. Gravada em formato digital.
- DÓ. Entrevista concedida ao autor no dia 14 de mai., 2011. Gravada em formato digital.
- FÁ. Entrevista concedida ao autor no dia 15 de mai., 2011. Gravada em formato digital.
- FUCCI AMATO, Rita. O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-musica. *Opus*, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 75-96, jun. 2007.
- HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. *A música e o risco: etnografia da performance de crianças e jovens*. São Paulo: Edusp, 2006.
- KATER, Carlos. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 10, mar. 2004, p. 43-51.
- KLEBER, Magali. *A prática de educação musical em ONGs: dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro*. 2006. Tese (Doutorado em Música) IA/PPG Música, universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- _____. Educação musical em ONGs: o processo pedagógico-musical visto como fato social total. XV Encontro Anual da ABEM. *Anais...*, Belo Horizonte, 2005, p. 1-10.

_____. Projetos sociais e a prática da educação musical. XII Encontro Anual da ABEM – Associação Brasileira de Educação Musical. *Anais...*, Florianópolis, 2003, p. 1-8.

MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima Nisis de. *Formação humana e capacitação*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. Trad. Jaime A. Clasen.

MI. Entrevista concedida ao autor no dia 15 de mai., 2011. Gravada em formato digital.

MÜLLER, Vânia B. Ações sociais em educação musical: com que ética, para qual mundo? *Revista da abem* – Associação Brasileira de Educação Musical, n. 10, março de 2004. (53-58)

NAGAHAMA, Maria Cristina. *Sementes da paz: disseminando a cultura de paz através da música*. Monografia (especialização). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais e Aplicadas. Departamento de Educação, 2007.

RÉ. Entrevista concedida ao autor no dia 14 de mai., 2011. Gravada em formato digital.

SANTOS, Carla Pereira dos. *Educação musical nos contextos não-formais: um enfoque acerca dos projetos sociais e sua interação na sociedade*. Disponível em: <http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/educacao_musica/edmus_CPSantos.pdf>. Acesso em 25 ago 2011.

_____. *Projetos sociais como perspectiva para a formação musical, estética e social: a realidade do projeto “Musicalizar é Viver”*. João Pessoa: Anais da ABEM – Associação Brasileira de Educação Musical, 2006. (638-645)

SANTOS, Marco Antonio Carvalho. Educação musical na escola e nos projetos comunitários e sociais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 12, 31-34, mar. 2005.

SCHMELING, A. Cantar e conviver, uma experiência com um grupo coral de adolescentes. Natal: *Anais da ABEM* – Associação Brasileira de Educação Musical, 2002. (1-7)

SOL. Entrevista concedida ao autor no dia 14 de mai., 2011. Gravada em formato digital.

STAHLSCHMIDT, Ana Paula M. . Como situar a arte musical em uma sociedade. In: Esther Beyer. (Org.). *Idéias em Educação Musical*. Porto Alegre: Mediação, 1999, v. 1 , p. 33-56.

VERGARA, Sylvia Constant. *Métodos de coleta de dados no campo*. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

APÊNDICE A:**FORMULÁRIO REALIZADO COM TODAS AS CRIANÇAS**

Nome: _____

Sexo: _____ Idade: _____

1. Você gosta de cantar? Sim () Não ()
2. Já cantou em outro Coral? Sim () Não ()
3. Há quanto tempo você participa deste Coral?
() 1 ano;
() 2 anos;
() 3 anos;
() ou mais de 4 anos.
4. Você gosta das músicas cantadas neste coral? Sim () Não ()
5. Você gosta da regente? Sim () Não ()
6. Na sua opinião, a regente ensina bem? Sim () Não ()
7. Seus pais gostam do coral? Sim () Não ()
8. Você gosta dos exercícios de relaxamento e aquecimento feitos antes de cantar? Sim () Não ()
9. Tem alguma dificuldade para cantar alguma música? Sim () Não ()
10. Você chega sempre no horário marcado para o ensaio do coral?
Sim () Não ()
11. Você gosta das crianças que participam? Sim () Não ()
12. Na sua opinião você sente que existe união entre os participantes?
Sim () Não ()
13. Além do canto você gostaria de praticar outra atividade musical?
Sim () Não ()
14. Você acha difícil cantar em grupo? Sim () Não ()
15. Você gosta das apresentações? Sim () Não ()

APÊNDICE B: SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DOS PAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR
 CGC: 24.365.710/0001-83
 Campus Universitário - Reitoria, Lagoa Nova
 Natal/RN - CEP: 59078-970
 (084) 3215-3222 - Fax: (084) 3215-3225 - e-mail: proto.dae@reitoria.ufrn.br

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA ACADÊMICA

Eu, Lubenilton Teixeira Bezerra, com matrícula: 200714430, venho através do presente instrumento, solicitar aos Senhores pais de _____, autorização para realização da pesquisa integrante do Trabalho de Conclusão de Curso, tendo como título inicial: O Projeto Coral Infante-Juvenil da Casa do Bem.

A coleta de dados será feita através da aplicação de entrevista feita com gravador de áudio e questionário contendo 13 perguntas, conforme modelo em anexo.

A presente atividade é requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Música, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Não tem fins lucrativos, sendo feito exclusivamente para fins didáticos.

O nome do entrevistado não será divulgado, ou seja, ficará em anonimato.

Natal/RN, ____ de _____ de 2011.

Acadêmico

Assinatura do responsável

APÊNDICE C:QUESTIONÁRIO USADO NA ENTREVISTA COM AS 5 CRIANÇAS

1. Você gosta de cantar? Por que?
2. Que tipo de música você ouvia e/ou cantava antes de entrar no coral?
3. Como você entrou no coral e o que atraiu você?
4. As músicas que vocês cantam faz refletir sobre a vida? Comente?
5. Você canta as músicas em casa, o que seus familiares falam sobre isso?
6. Você gosta da forma que a regente transmite e ensina as músicas? Explique
7. Você gosta das crianças que participam? Por que?
8. Quando vocês estão juntos, o que vocês comentam sobre o coral?
9. O que você ganhou com a sua entrada no projeto e o que você não foi bom?
10. Além do canto você gostaria de praticar outra atividade musical? Por que?
11. O que você observa no público quando está se apresentando?
12. Você indicaria para alguém, como você faria a propaganda?
13. Na sua opinião, como a comunidade vê o trabalho que você desempenha no coral?

APÊNDICE D:**QUESTIONÁRIO USADO NA ENTREVISTA COM A REGENTE**

1. Você acredita que o canto coral é importante? Por quê?
2. Qual a sua metodologia de ensino?
3. Há quanto tempo você trabalha com coral?
4. Qual o principal objetivo do projeto para as crianças e a comunidade?
5. Existe seleção para as crianças cantarem no coral?
6. Quais as dificuldades de aprendizagem que você percebe nas crianças e que estratégias você utiliza para facilitar a aprendizagem dos alunos?
7. Se você tiver que ordenar por importância as coisas que você deseja que eles aprendam, que ordem seria?
8. Você acredita que o canto coral é uma oportunidade de aproximar as pessoas; como se dá, então, essa aproximação?
9. Quais os aspectos ou o aspecto que você acha importante desenvolvidos por meio da prática do canto coral? Por que?

ANEXO A:



Apresentações do Coral Infanto-Juvenil da Casa do Bem